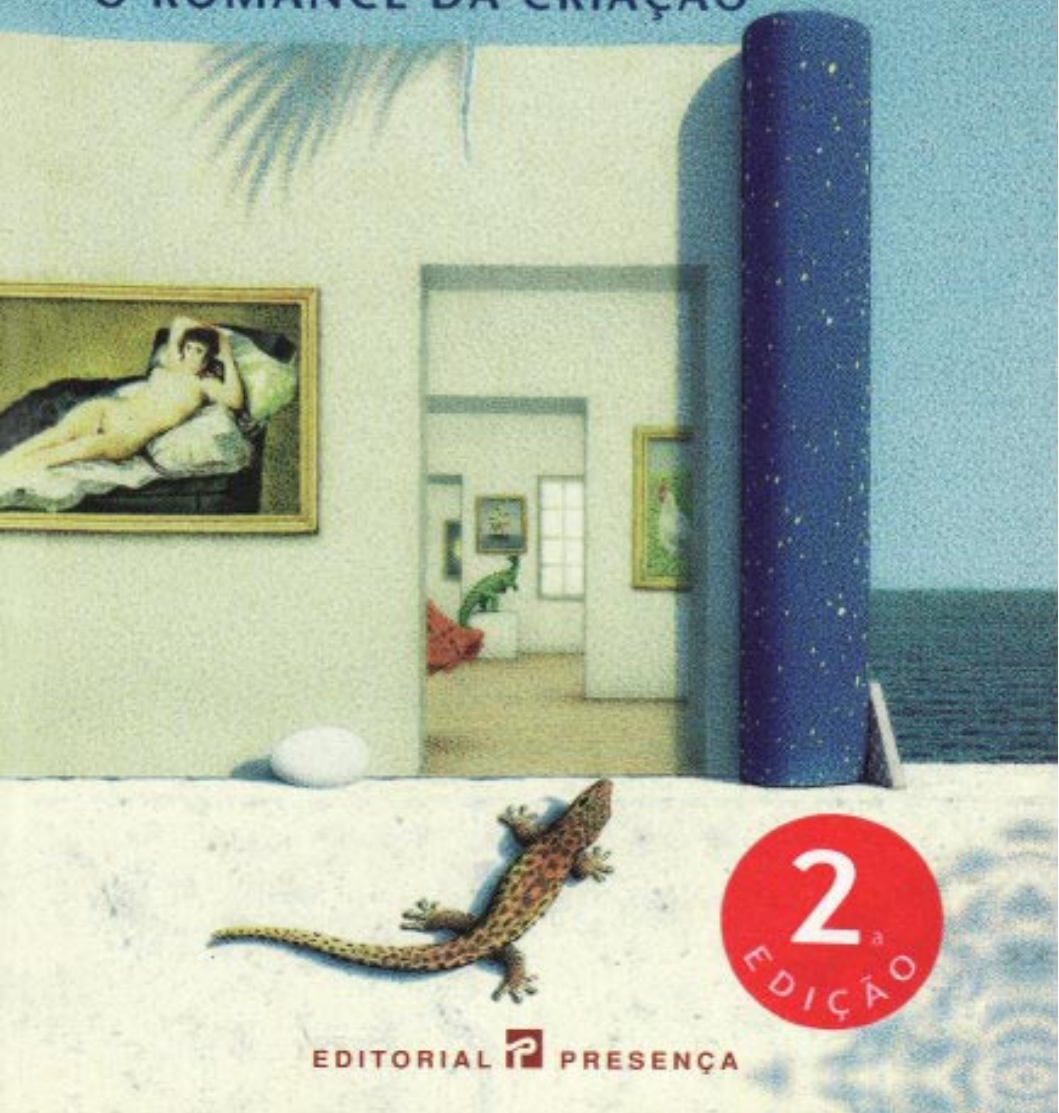


JOSTEIN GAARDER

# MAYA

O ROMANCE DA CRIAÇÃO



2<sup>a</sup>  
EDIÇÃO

EDITORIAL  PRESENÇA

JOSTEIN GAARDER

# MAYA

O ROMANCE DA CRIAÇÃO

Tradução de Maria Bragança

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Maya*

Autor: *Jostein Gaarder*

Tradução: *Maria Bragança*

Capa: *Ilustração de Quint Bachholz* Carl Hansen Verlag  
Munchen Wien 2000

Fotocomposição: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Impressão e acabamento: *Tipografia Peres*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Maio, 2001

2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Agosto, 2001

Depósito legal n.º 167 796/01

## Prólogo

Jamais vou esquecer aquela úmida e tempestuosa manhã de janeiro de 1998 em que Frank aterrissou em Taveuni, uma pequena ilha do arquipélago Fiji. Trovejara a noite inteira, e, antes do café da manhã, os donos do Maravu Plantation Resort tiveram de cuidar do conserto de um problema na instalação elétrica. Como a câmara frigorífica corria perigo, ofereci-me para ir de carro a Matei buscar os novos hóspedes, que chegariam à linha de mudança de data no vôo da manhã, vindos de Nadi. Angela e Jochen Kiess aceitaram agradecidos minha ajuda, e Jochen me elogiou dizendo que numa situação crítica sempre se podia contar com um britânico.

O sério norueguês chamou minha atenção assim que entrou no jipe em companhia de um casal de americanos. Tinha cerca de quarenta anos, estatura mediana e cabelos louros, como a maioria dos escandinavos, mas olhos castanhos e um semblante um tanto abatido. Apresentou-se como Frank Andersen, e lembro que cheguei a pensar que talvez pertencesse àquela rara categoria de seres humanos que a vida toda se sentem oprimidos na Terra pela brevidade da existência e pela falta de espírito. Essa suposição se dissipou quando, naquela mesma noite, soube que ele era biólogo evolutivo. Para quem já tem certa predisposição à melancolia, a biologia evolutiva deve ser uma ciência bem pouco reconfortante.

Sentado à escrivaninha na minha casa de Croydon, olho para um cartão-postal amassado, datado de Barcelona, 26 de maio de 1992. O postal mostra uma foto da Sagrada Família, a catedral inacabada de Gaudí, e traz no verso:

*Meu querido Frank,*

*Chegarei a Oslo terça, mas não vou sozinha. Tudo vai ser diferente a partir de agora, você tem que estar preparado. Não me chame! Quero sentir seu corpo antes que haja palavras entre nós. Lembra da bebida mágica? Logo você vai tomar algumas gotas. Às vezes tenho medo. Será que eu e você podemos fazer alguma coisa para aceitar que a vida seja tão breve?*

*Sempre sua,*

*Vera.*

Frank me mostrou de repente o postal com aquelas torres altas uma tarde em que tomávamos cerveja no bar do Maravu. Eu tinha lhe contado que perdera Sheila alguns anos antes, e Frank continuou ali, sentado, por um bom momento, até que com um gesto brusco tirou a carteira do bolso e puxou um cartão-postal dobrado, que imediatamente desdobrou e pôs em cima da mesa. O texto estava escrito em espanhol, mas o norueguês traduziu palavra por palavra. Parecia precisar da minha ajuda para assimilar o que acabava de traduzir.

— Quem é Vera? — perguntei. — Vocês eram casados?

Aquiesceu com um movimento de cabeça.

— A gente se conheceu na Espanha, no fim dos anos 80. Passados alguns meses, já vivíamos juntos em Oslo.

— E o relacionamento terminou? Negou com a cabeça, mas disse:

— Ela voltou a Barcelona dez anos depois. Foi no outono passado.

— Vera não é um nome tipicamente espanhol — objetei. — Nem catalão.

— É o nome de um povoado da Andaluzia — explicou.

— Segundo sua família, ela foi concebida lá.

Examinei o postal.

— Ela foi a Barcelona visitar a família? De novo negou com a cabeça.

— Foi apresentar sua tese de doutorado.

— Não diga.

— Sobre as migrações da espécie humana a partir da África. Vera é paleontóloga.

— E quem ela levou a Oslo?

Frank olhou para o fundo do copo.

— Sonja — disse sem mais nem menos.

— Sonja?

— Nossa filha, Sonja.

— Quer dizer que vocês têm uma filha?

Apontou para o postal.

— Foi assim que fiquei sabendo que Vera estava grávida.

— De você?

Estremeceu.

— A menina era minha filha, sim.

Compreendi que alguma coisa devia ter ido mal e tentei adivinhar o que poderia ter acontecido. Mas eu tinha outro ponto de referência e falei:

— E a tal “bebida mágica”, da qual você ia provar algumas gotas? Soa bastante tentador.

Hesitou. Depois sorriu com certa timidez antes de negar a importância daquilo.

— Nada, bobagem, coisas da Vera.

Chamei o garçom e pedi outra cerveja. Frank mal havia tocado na dele.

— Conte — pedi. E Frank contou:

— Tínhamos em comum a mesma sede intransigente de vida. Ou será que devo chamar isso de “ânsia de eternidade”? Não sei se compreende o que quero dizer.

Claro que compreendia. Senti o coração bater no peito e pensei que devia me acalmar. Ergui a palma da mão para lhe dar a entender que não precisava me explicar o que era a ânsia de eternidade. Ele entendeu. Aparentemente, não era a primeira vez que Frank tentava explicar o que queria dizer com aquela história de ânsia de eternidade.

Acrescentou:

— Nunca tinha encontrado numa mulher essa necessidade irresistível. Vera era uma pessoa calorosa e realista. Mas também vivia metida no seu mundo, melhor dizendo, no mundo da paleontologia. Era das que se orientam mais verticalmente do que horizontalmente.

— Como?

— Não lhe interessava o que acontece na rua ou no espelho. Era bonita, muito bonita. Mas nunca a vi folheando uma revista feminina.

Ele continuava sentado, mexendo a cerveja com o dedo.

— Contou-me que, quando jovem, tinha tido muitas fantasias sobre uma bebida mágica que lhe concederia a vida eterna quando tivesse bebido a metade da dose. Assim, disporia de um tempo ilimitado para encontrar o homem a quem daria a outra metade e poderia ter certeza que um dia encontraria esse homem da sua vida, se não na semana seguinte, pelo menos depois de cem ou mil anos.

Apontei para o postal. Frank sorriu com resignação:

— Quando voltou de Barcelona, naquele verão de 92, declarou solenemente que, de uma maneira ou de outra, tínhamos tomado algumas gotas da bebida mágica com que sonhava desde pequena. Pensava no filho que ia nascer. Algo de nós dois já tinha começado a viver sua própria vida, dizia ela. Algo que talvez desse frutos durante milhares de anos.

— A posteridade, você quer dizer?

— Sim, era nisso que ela pensava. De fato, todos os seres humanos da Terra descendem de uma mulher que viveu na África faz algumas centenas de milhares de anos.

Tomou um gole de cerveja, e como não disse mais nada por um bom tempo, tentei fazê-lo prosseguir.

— Continue, se quiser — falei.

Olhou-me nos olhos. Foi como se, por um instante, avaliasse se eu era ou não um homem em quem poderia confiar. Continuou:

— Quando chegou a Oslo, me garantiu que não teria hesitado em compartilhar comigo a bebida mágica, se a tivesse. Obviamente não me deu nenhuma “bebida mágica”, mas, de todo modo, eu vivi aquilo como um grande momento. Considerarei uma coisa sublime o fato de que ousasse fazer uma escolha irreversível.

Com um gesto de cabeça, declarei-me de acordo.

— Já não é comum as pessoas se prometerem fidelidade eterna. Ficam juntas no que é bom, mas logo que vem o que é ruim, muitas simplesmente se separam.

Pareceu de repente um pouco irritadiço:

— Creio que me lembro literalmente do que ela disse: “Para mim só existe um homem e uma Terra, e se sinto isso tão intensamente, é porque só vivo uma vida”.

— Que declaração mais singular — disse eu. — E o que aconteceu em seguida?

Foi bem seco. Depois de esvaziar o copo de cerveja, contou-me que tinham perdido Sonja quando ela estava com quatro anos e meio, e que, desde então, a convivência dos dois se tomara impossível. Era muita dor sob o mesmo teto, explicou Frank. E ficou contemplando o coqueiral.

Não falou mais no assunto, apesar de eu ter feito algumas tentativas discretas para retomá-lo.



A conversa também foi interrompida de certo modo por um sapo enorme que pulou para o deck em que estávamos. Ouviu-se um “chap!”, e o contrariado sapo sentou debaixo da mesa, entre as nossas pernas.

— Um sapo-cururu — esclareceu o norueguês.

— Sapo-cururu?

— Ou *Bufo marinus*. Foram importados do Havái faz pouco tempo, em 1936, para combater a grande quantidade de insetos nas plantações de cana-de-açúcar, e se deram muito bem aqui.

Apontou para o coqueiral, onde descobrimos outros quatro ou cinco exemplares. Minutos depois, pude contar até dez ou doze sapos na relva úmida. Já estava na ilha fazia muitos dias, mas nunca tinha visto tantos sapos juntos. Tive a sensação de que era Frank quem os atraía, e não passou muito tempo até eu poder contar mais de vinte exemplares. Senti uma espécie de aversão ao ver tantos sapos juntos. Acendi um cigarro.

— Continuo pensando nessa bebida de que você falou — disse. — Nem todo mundo ousaria prová-la. Acho que a maioria não provaria.

Pus o isqueiro na mesa, apontei para ele e susurrei:

— Esse é um isqueiro mágico. Se você o acender agora, viverá eternamente na Terra.

Ele me encarou fixamente, sem sorrir. Suas pupilas pareceram se iluminar.

— Mas tem que pensar muito bem nisso — precisei —, porque só vai ter uma oportunidade e nunca poderá voltar atrás na decisão que tomar.

— Não tem importância — replicou com altivez, e não tive certeza da escolha que ele faria.

— Quer viver até a idade normal do ser humano? — perguntei solenemente. — Ou quer ficar na Terra por todos os séculos dos séculos?

Frank ergueu o isqueiro lenta mas decididamente e o acendeu.

Aquilo me impressionou. Fazia quase uma semana que eu estava na ilha, e finalmente não me sentia tão só.

— Não somos muitos — comentei.

Afinal sorriu, um sorriso largo. Creio que nosso encontro o surpreendeu tanto quanto a mim.

— Não, parece que não somos tantos assim — admitiu. Endireitou-se e me estendeu a mão por cima do copo de cerveja.

Foi como se tivéssemos confiado um ao outro que pertencíamos à mesma ordem seleta. Nem a Frank nem a mim metia medo a idéia de viver eternamente. O que nos aterrorizava era o contrário.

Faltava pouco para o jantar, e insinuei que devíamos celebrar a confraternização com um drinque. Sugeri um gim puro, e ele concordou.

Os sapos continuaram se multiplicando no coqueiral, e voltei a sentir nojo. Confessei a Frank que ainda não tinha me acostumado com os gecos no quarto.

Chegaram os copos de gim, e enquanto o pessoal começava a arrumar as mesas para o jantar, continuávamos sentados, brindando aos anjos do céu. Também brindamos àquele pequeno grupo de pessoas que não era capaz de reprimir sua inveja dos anjos

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

